

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Departamento de Pesquisa

***Masculinismo e autoritarismo
no Brasil contemporâneo***

PROJETO DE PESQUISA

1 - IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

TÍTULO DO PROJETO: Masculinismo e autoritarismo no Brasil contemporâneo

GRANDE ÁREA DE CONHECIMENTO: (Ciências Humanas (7.00.00.00-0)

ÁREA DE CONHECIMENTO: Sociologia (7.02.00.00-9)

SUB ÁREA: Outras Sociologias específicas (7.02.07.00-3)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Pará

CENTRO / DEPARTAMENTO: Faculdade de Ciências Sociais

UNIDADE EXECUTORA: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

ENDEREÇO: Rua Augusto Corrêa, nº 1 – Guamá – Belém/PA

MUNICÍPIO	CEP	U.F.	TEL/FAX	E-MAIL
Belém	66075-110	PA	3201-8375	fcs@ufpa.br

COORDENADOR DO PROJETO: Patrícia da Silva Santos

DEPARTAMENTO: Faculdade de Ciências Sociais

OUTRAS INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES:

ÓRGÃO FINANCIADOR: não se aplica

VALOR APROVADO:

2 – EQUIPE DO PROJETO

Matrícula	Nome completo	Tipo*	Titulação máxima	Unidade/Departamento	Função no projeto**	Carga horária no projeto
2400111	Patrícia da Silva Santos	PE	DR	FACS/IFCH	CD	20 horas
	Bolsista ou voluntário 1	estudante	graduand@	FACS/IFCH	CL	10 horas
	Bolsista ou voluntário 2	estudante	graduand@	FACS/IFCH	CL	10 horas

* TA: Técnico Administrativo

PV: Professor Visitante

PE: Professor Permanente (lotado no centro em que pertence o projeto)

PP: Professor Participante (lotado em outro centro)

PPE: Professor Participante Externo

TE: Técnico Administrativo Externo

PB: Professor Bolsista de Agência de Fomento (CAPES , CNPQ , DAAD , etc...)

** CD: Coordenador

CL: Colaborador

CS: Consultor

Masculinismo e autoritarismo no Brasil contemporâneo

Resumo: O projeto tem como objetivo analisar as relações entre masculinismo e autoritarismo no Brasil contemporâneo, considerando, sobretudo, publicações e debates realizados em multiplataformas online. Nesse sentido, pretende-se verificar a permeabilidade e o entrelaçamento entre esses dois tipos de ideologias, utilizando metodologias qualitativas e quantitativas da sociologia digital e da análise de discursos. Durante a realização do projeto, será inquirido o nexos entre plataformação, radicalismo de direita e masculinismo, contribuindo para os recentes debates em torno das conexões entre gênero e autoritarismo.

Palavras-chave: masculinismo, autoritarismo, influenciadores digitais, personalidade autoritária.

3 – INTRODUÇÃO

Quando Adorno et al. (1969) elaboraram seus famosos *Estudos sobre a personalidade autoritária* nos EUA do ano 1950 o tema do sexismo não atingiu uma centralidade tão pungente. É certo que há referência a ele, especialmente quando é pensado o modelo de família e o lugar que, conforme as pessoas entrevistadas, as mulheres devem ocupar (privado ou público), mas a famosa Escala F (de fascismo) centra-se muito mais em temas ligados ao etnocentrismo (antisemitismo e racismo contra populações afro-americanas) do que na temática do machismo.

Os eixos da escala F avaliados a partir de afirmações apresentadas às/aos entrevistada(os) para concordância ou discordância eram: convencionalismo, entendido como “adesão rígida a valores convencionais, de classe média”; submissão autoritária, que implica “atitude submissa, acrítica a autoridades morais idealizadas do in-group”; agressão autoritária, ligada à “tendência a vigiar e condenar, rejeitar e punir pessoas que violam valores convencionais”; anti-intracção, compreendida como a “oposição ao subjetivo, ao imaginativo”; superstição e estereotipia, que implica a “crença em determinantes místicos do destino individual; disposição a pensar por meio de categorias rígidas”; poder e dureza, referidos à “preocupação com a dimensão de dominação-submissão, forte-fraco”; destrutividade e cinismo, associados à “hostilidade generalizada, desprezo pelo humano”; projetividade, que subentende “a disposição de acreditar que coisas tresloucadas [*wild*] e perigosas acontecem no mundo; a projeção para fora de impulsos emocionais inconscientes”; sexo, ou seja, a “preocupação exagerada com ‘eventos’ sexuais” (ADORNO et al., 1969, p. 228).

Certamente atitudes machistas poderiam ter sido analisadas a partir de tais eixos, porém os autores alegam que uma “prova mais conclusiva” das correlações entre etnocentrismo e defesa da subordinação das mulheres “iria requerer estudo de ideologia [especificamente] relacionado à mulheres” (ADORNO et al., 1969, p. 107). De todo modo, lembro que o entrelaçamento entre racionalidade moderna e dominação masculina esteve no horizonte dos debates de Theodor Adorno (SANTOS, 2020). O nexos entre autoritarismo e masculinismo é justamente o que interessa a esse projeto, também tendo como mote o debate sobre personalidades autoritárias e seus nexos com o radicalismo de direita (ADORNO, 2019). Mas antes de abordá-lo de maneira mais detalhada, vale contextualizar um pouco melhor aspectos gerais relativos à ascensão da extrema direita contemporânea.

Vale lembrar que *The Authoritarian Personality* foi publicado nos Estados Unidos em 1950, portanto em contexto democrático, sugerindo que ideologias potencialmente autoritárias subjazem à democracia no âmbito do capitalismo – isso em um momento em que os debates relativos à democracia realizados em países centrais eram predominantemente otimistas (REGATIERI & SANTOS, 2022). Apenas muito recentemente, marcadamente a partir do ano de 2016, quando o referendo do Brexit decidiu pela retirada do Reino Unido da União Europeia e Donald Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos, que verdadeiramente começaram a soar os sinais de alarme relativos à ascensão de formas de autoritarismo que não necessariamente rompem com as instituições democráticas formais. Nessa altura, começou-se a falar de desconsolidação democrática (FOA & MOUNK 2016; 2017), morte das democracias (LEVITSKY & ZIBLATT 2018), crises da democracia (PRZEWORKI 2019), regressão neoliberal (STREECK 2019), fim do neoliberalismo progressista (FRASER 2016), populismo autoritário (MORELOCK 2018), pós-fascismo (TRAVERSO 2019), entre uma já vasta literatura que continua a se expandir dia após dia.

Do ponto de vista genérico, como uma das hipóteses mais recorrentes para explicar o fenômeno aparecem as tendências do capitalismo neoliberal pós-2008, que contribuíram para romper com aquilo que Nancy Fraser (2017) chama de neoliberalismo progressista. A aliança entre economia neoliberal e algumas políticas parciais de reconhecimento desatreladas da redistribuição teriam associado “ideais truncados de emancipação e formas letais de financeirização”, mas esse modelo acabou sendo rejeitada por eleitores de Donald Trump nos Estados Unidos, por exemplo, em prol de um neoliberalismo autoritário. Wendy Brown (2019) também vislumbra uma nova forma de neoliberalismo associada à expansão de ideais de extrema direita e denomina de neoliberalismo Frankstein a nova e radical associação entre exploração do capital e negação do social e da coletividade. Mas esse fenômeno de escopo global tem também matizes geográficas diferenciadas. Se no contexto europeu a crise

migratória e o “pânico identitário” aparecem como importantes impulsos ao radicalismo de direita, em países como o Brasil, o discurso anticorrupção, o ódio à esquerda, suas pautas feministas, antirracistas e anti-lgbtfóbicas e o conservadorismo religioso adquirem protagonismo (LÖWY, 2019; SANTOS & REGATIERI, 2020).

Um dos aspectos que mais intrigam analistas é o fato de que as soluções autoritárias contemporâneas não se baseiem na tomada violenta do poder nem em ditaduras ostensivas, como ocorreu no período da Guerra Fria, mas no voto e na consequente subversão das instituições democráticas por líderes eleitos, de forma gradual, sutil e até mesmo legal (LEVITSKY & ZIBLATT, 2018). Essa deterioração da democracia ancorada nas eleições tem como um de seus esteios a constituição de uma subjetividade neoliberal. Wolfgang Streeck (2019) argumenta que o neoliberalismo posto em marcha a partir dos anos 1970 trouxe consigo a noção de governança global, acordos de livre comércio, privatizações, flexibilização do mercado de trabalho, redução de custos e declínio dos sindicatos e dos partidos políticos. Com a diminuição da necessidade de força de trabalho humana, as promessas de prosperidade para todos foram descumpridas e inaugurou-se o que Streeck chama de política pós-factual. Ela seria marcada por mentiras criadas por especialistas para dar conta da frustração dos cidadãos. Entretanto, afirma Streeck, os perdedores da globalização crescentemente foram ocupando as redes sociais, ao mesmo tempo em que voltaram a ir às urnas para expressar seu descontentamento. Líderes autoritários souberam canalizar esse descontentamento que germinou em democracias neutralizadas pelo capital.

Tendo em mente esses e outros debates em torno das formas contemporâneas de autoritarismo, nessa pesquisa interessa investigar esse descontentamento a partir de uma perspectiva específica, qual seja, a do masculinismo. Dando prosseguimento a pesquisas que venho desenvolvendo desde o ano de 2020 sobre a propaganda autoritária veiculada por youtubers bolsonaristas¹, pretendo focar especificamente em fenômenos masculinistas que têm adquirido visibilidade nos últimos anos (DIETZE & ROTH, 2020).

4 – JUSTIFICATIVA

¹O primeiro projeto foi realizado no período de 01/07/2020 a 30/06/2022 e levava o título de “Perfeição de meios, depreciação de fins: propaganda política digital e influenciadores da nova direita”. O segundo projeto teve início em 19/09/2022 e está sendo realizado no momento, sob a condição de afastamento para pós-doutorado com data de finalização em 18/09/2022. O título desse projeto é “Perfeição de meios, depreciação de fins: a propaganda fascista digital no Brasil contemporâneo”.

Aquilo que Streeck chama de descontentamento também pode ser denominado de ressentimento. Esse é um termo que tem sido mobilizado na tentativa de compreender a etapa de neoliberalismo autoritário que vivenciamos contemporaneamente, em diferentes contextos e com colorações locais específicas. Tendo como foco o fenômeno do trumpismo, Wendy Brown (2019), por exemplo, trabalha na chave de um ressentimento do homem branco e da masculinidade ferida. Diferentemente da perspectiva nietzschiana em torno do ressentimento dos fragilizados, esse ressentimento do topo não criaria valores refinados (a exemplo do cristianismo), mas estaria pautado na lógica do “*I don't care*” propagada por Melania Trump e do “E daí?” de Jair Bolsonaro. No caso desse ressentimento dos dominantes, o rancor e o ódio permanecem nessa condição e não se transmutam em amor ao próximo, como no caso da autoabnegação cristã.

Ao refletir sobre esse mesmo contexto de autoritarismo atual, Rahel Jaeggi (FRASER & JAEGLI, 2021, p. 296 s.) lembra, na esteira de Max Scheler, que o ressentimento não surge direta e objetivamente da falta de bens ou recompensas sociais, mas de uma situação que é avaliada como ruim, injusta, uma situação de indignação. Além disso, ela também argumenta que o ressentimento é um sentimento de impotência, mas não a impotência diante de um problema de primeiro grau, sim a “impotência ou incapacidade de expressar o próprio sentimento de indignação ou ofensa” (Idem: 297).

O masculinismo está bastante associado ao ressentimento. Trata-se de um conceito recente, que se refere à crença de que “vivemos em um mundo que gira ao redor das mulheres – uma ginocracia, para usar o termo empregado por muitos masculinistas –, no qual a própria masculinidade está em crise.” (BICUDO, 2018, p. 493). O movimento, de matiz preconceituosa e muitas vezes misógina, apareceu como uma reação às conquistas do movimento feminista a partir do início do século XX. Naquele período, um de seus grandes ideólogos foi Belfort Bax (1854-1926) que tinha como um dos principais alvos o sufrágio feminino. Contemporaneamente, essa ideologia tem conquistado adeptos principalmente por meio das redes sociais, no âmbito daquilo que é conhecido como “manosfera”: basicamente um conjunto de plataformas on-line focado no debate de questões ligadas à masculinidade, mas com um viés altamente antifeminista e contrário aos direitos das mulheres. Embora essa atuação on-line fosse majoritariamente veiculada em língua inglesa há bem pouco tempo atrás, como sustenta Bicudo (2018, p. 496), que realizou seu pós-doutorado sobre o tema entre 2014 e 2018, pesquisas ainda mais recentes têm demonstrando um crescimento acelerado da atuação de influenciadores masculinistas brasileiros (VILAÇA, 2023).

De acordo com Vilaça, a ideologia masculinista sustenta que haveria uma “opressão dos homens” provocada pelos feminismos. Há, nesse sentido, um jogo de inversão das pautas feministas,

inclusive com a incorporação de concepções típicas do feminismo, como a ideia de defesa dos “direitos dos homens”. Em sua atuação nas redes sociais, esse movimento toma diferentes formas, desde abertamente misóginas, até profundamente sexistas. Há, por exemplo, o grupo autodenominado *The Red Pill*, designação que consiste em metáfora portadora de referência ao filme *Matrix* (1999) que foi gradativamente sendo apropriada pelos movimentos contemporâneos de extrema direita² – para Cesarino (2022), tomar a “pílula vermelha” implica, na prática, mudar o registro cognitivo em direção a um outro tipo de metaenquadramento do mundo. A ideologia *Redpill* sustenta-se na perspectiva de que lograria denunciar a suposta ginocracia vigente e a opressão dos homens pelas mulheres.

Além dos *Redpills*, há uma série de nomenclaturas para esses movimentos masculinistas online, desde versões um pouco menos radicais até aquelas que defendem abertamente o estupro e o assassinato de mulheres. Nesse sentido, os *incels* são grupos compostos por homens “celibatários involuntários”, que sofreram decepções amorosas e sofrem de baixíssima autoestima. A sigla *MGTOW* refere-se a “Men Going Their Own Way”, ou seja “Homens que seguem seu próprio caminho” e envolve homens que buscam evitar qualquer envolvimento afetivo com mulheres para evitar serem manipulados (VILAÇA, 2023; VILAÇA & D’ANDRÉA, 2021; BICUDO, 2018).

A ampliação crescente desses movimentos implica uma constelação que envolve distintos elementos, dentre os quais podemos destacar as novas tecnologias de comunicação e os movimentos de extrema direita³. Do ponto de vista da tecnologia, há diferentes estudos que buscam compreender como as redes sociais foram se transformando em ambientes propícios à projeção do ódio em sua condição de espaços eminentemente afetivos, que pressupõem a descarga espontânea de afetos, sem tempo para desvanecer a exaltação imediata, como argumenta Byung-Chul Han (2019, p. 23; 2020, p. 60). No caso do masculinismo, esse ódio é voltado eminentemente às mulheres, mas também possui, frequentemente, um viés racial (VILAÇA & D’ANDRÉA, 2021). De qualquer forma, é importante mencionar que essas ideologias não ficam confinadas à internet. As pesquisas têm sugerido inúmeras vinculações entre chacinas cometidas em escolas, por exemplo, e o pertencimento a grupos masculinistas (VILAÇA & D’ANDRÉA, 2021; NAGLE, 2017).

²A metáfora também é empregada em contexto internacional, como argumenta Nagle (2017, p. 86) “A ‘pílula vermelha’, que se tornou central para a retórica da *alt-right*, também tem sido usada por essas subculturas políticas masculinistas e antifeministas que constantemente polinizaram transversalmente diferentes camadas da direita online”.

³É bom ressaltar que, de alguma maneira, esses dois fenômenos começam a se entrelaçar de maneira mais intensa por volta de 2010. Nagle (2017) argumenta que, naquele momento, houve um momento de intensificação de movimentos políticos autoritários que lograram se apropriar do crescente processo de plataformação e atualizar as assim chamadas guerras culturais. No Brasil, esse fenômeno se tornou mais forte sobretudo a partir de 2018, inclusive influenciando, muito provavelmente, as eleições presidenciais daquele ano (CESARINO, 2020).

No caso da ascensão da extrema direita, também existem muitas pesquisas apontando as suas conexões com o masculinismo. Ao analisar a atuação de líderes da direita radical como Jair Bolsonaro e Donald Trump, Agius et al., 2020 sustentam que nosso contexto envolveria uma combinação de populismo, insegurança ontológica e nacionalismo generificado, passível de ser observada em negacionismos ligados especialmente às mudanças climáticas e à pandemia de covi-19: “esse masculinismo não é performado simplesmente no nível individual, mas também alimenta as narrativas da nação, produzindo um nacionalismo generificado que procura recuperar a ideia de uma nação forte que foi enfraquecida pela feminilização.” (idem, p. 439).

Para Dietze e Roth (2020, p. 7), há algo em comum entre os populismos autoritários contemporâneos, a despeito de suas especificidades: “uma ‘obsessão com gênero’ e sexualidade em diferentes arenas”. Nossas próprias observações durante as pesquisas anteriores com youtubers bolsonaristas vão no mesmo sentido. Como demonstra relatório de iniciação científica de uma discente que participou da pesquisa, a temática do gênero na propaganda autoritária da direita radical é abordada sob diversas perspectivas: na lógica antiaborto, na estereotipia das mulheres como “históricas”, na abominação do feminismo e na defesa da família heteronormativa (BARROS, 2021).

A pergunta de partida do presente projeto relaciona-se à persistência desse fenômeno, mesmo após a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições de 2022, e busca compreender a associação entre masculinismo e autoritarismo contemporâneo no Brasil, seja via manifestações mais diretas em discursos de agitadores (LÖWENTHAL & GUTERMAN, 1949) da direita radical que já vinham sendo acompanhados em pesquisas anteriores, seja via análise de grupos de internet não abertamente políticos atuantes na assim chamada *manosfera*. Nesse sentido, há a perspectiva de acentuar o traço sexista das personalidades autoritárias contemporâneas⁴.

5 – OBJETIVOS

Pesquisas anteriores relacionadas tanto ao debate sobre gênero (SANTOS, 2020b; SANTOS, 2020c; SANTOS, 2020d; SANTOS, 2019) como especificamente ao autoritarismo contemporâneo (SANTOS & REGATIERI, 2019; REGATIERI & SANTOS, 2022; SANTOS, 2021; SANTOS, 2020a) contribuem no desenho desta pesquisa e no desenvolvimento do objetivo geral da proposta que visa compreender de que modo as formas atuais de manifestações autoritárias estão profundamente

⁴Isso será feito levando em conta também o caráter interseccional desse fenômeno (COLLINS & BILGE, 2016), tendo em vista que mulheres racializadas e pobres sofrem de maneiras distintas as opressões masculinistas, conforme já indicam pesquisas sobre o tema (VILAÇA & D’ANDRÉA, 2021; ROTH, 2020).

entrelaçadas à ideologia masculinista. Os fenômenos empíricos que balizarão a pesquisa são, por um lado, os discursos de agitadores de extrema direita atuantes nas redes sociais (com foco no youtube e no twitter, por conta de seu caráter público) e, por outro, as ideologias masculinistas veiculadas em diferentes plataformas, com ênfases naquelas de caráter mais anônimo, como o *Reddit*.

A investigação em torno dos discursos desses dois grupos – o da direita radical e o masculinista – deve contribuir para verificar o grau de permeabilidade e de entrelaçamento dessas ideologias, ainda que elas não sejam abertamente defendidas pelos seus adeptos. Os objetivos específicos incluem:

- 1) o mapeamento dos discursos masculinistas em conformidade com as variações de pertencimento aos distintos grupos (Incels, Redpills, MGTOW's etc.);
- 2) o mapeamento dos discursos sexistas entre agitadores da direita radical;
- 3) a compreensão do grau de entrelaçamento entre autoritarismo contemporâneo e discurso masculinista;
- 4) a verificação de como o pertencimento a grupos ideológicos autoritários contribui para a intensificação da radicalização dos indivíduos.

6 – METODOLOGIA

Resumidamente, pretende-se realizar para ambos os campos empíricos os seguintes procedimentos: a) levantamento documental; b) levantamento bibliográfico; c) acompanhamento sistemático de perfis e páginas selecionados com base no número de inscritos e relevância quantitativa.

Os discursos serão analisados a partir de técnicas qualitativas e, em menor medida, quantitativas, considerando as dificuldades técnicas para coleta massiva de dados. Os debates contemporâneos sobre sociologia digital e as técnicas desenvolvidas nesse campo servirão como ferramentas para aprimorar a coleta de dados (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2013; ZUBOFF, 2019, entre outros)

No que se refere aos agitadores da extrema direita brasileira identificados com o bolsonarismo, inicialmente (quando comecei a pesquisa em 2020), eles foram selecionados por meio do GPS-ideológico produzido pela *Folha de São Paulo* com base em dados da rede social *twitter* (MARIANI; TAKAHASHI, 2019). A partir de uma análise exploratória desses canais e outros indicados pelos próprios influenciadores de direita, foram selecionados cerca de 35 influenciadores, contemplando canais coletivos e individuais, considerando aqueles que possuem mais de 100.000 seguidores – alguns deles chegam a 2,5 milhões inscritos. Pretende-se seguir acompanhando intensamente esses canais,

catalogando os debates suscitados, analisando as estratégias discursivas, sejam textuais, sejam imagéticas, buscando compreender a capacidade que a propaganda da direita radical possui para mobilizar os meios técnicos empregados em função de suas finalidades obscuras e antidemocráticas e, principalmente, verificando suas interlocuções com as ideologias masculinistas.

No que se refere aos grupos masculinistas, há também a perspectiva de acompanhar alguns perfis mais públicos, como é o caso do canal Tiozão do youtube, mas o foco serão os grupos masculinistas mais anônimos, formados na plataforma *Reddit* e que tenham o Brasil como referência. Essa estratégia deve permitir o acesso a discursos mais abertamente masculinistas.

Para a análise, pretende-se privilegiar o referencial teórico desenvolvido por Adorno e outros autores associados à teoria crítica. Nesse sentido, a tipologia da personalidade totalitária será mobilizada (ADORNO et. al., 1969), porém, pretende-se atualizar e territorializar esse debate, considerando discussões contemporâneas sobre autoritarismo e masculinismo, especialmente em contextos pós-coloniais. O debate feminista também servirá de referencial para as análises. Além disso, serão mobilizados debates contemporâneos acerca das formas de atuação da extrema direita contemporânea, suas articulações com a técnica e seu sucesso em um contexto neoliberal de produção de subjetividades, conforme discussões citadas ao longo desse projeto.

7 - METAS

Como forma de veicular os resultados dessa pesquisa, tenho como meta a publicação de, ao menos, um artigo por ano durante a vigência do projeto, preferencialmente em revistas científicas qualis A1 ou A2. Pretendo também pleitear a participação em, no mínimo, dois congressos científicos.

Durante a realização da pesquisa, há a intenção de submeter o projeto a editais da UFPA, como o PIBIC ou outros pertinentes e, eventualmente, a editais externos pertinentes, nacionais ou internacionais. Além disso, uma das principais metas subjacentes à pesquisa é contribuir para a formação de alunos da graduação e da pós-graduação. Nesse sentido, pretendo vincular ao menos duas/dois bolsistas e/ou voluntárias/os de iniciação científica ao projeto e levar adiante o grupo de pesquisas em Teoria Social Contemporânea (cujos encontros vêm sendo realizados periodicamente desde o primeiro semestre de 2018). Também prosseguirei com as orientações de TCC e de mestrado (3 atualmente) e doutorado (1 atualmente).

Pretendo, por fim, seguir diálogos interinstitucionais nacionais e internacionais com pesquisadores cujos temas de pesquisa alinham-se à proposta apresentada.

8 – BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T.; FRENKEL-BRUNSWIK, Else; LEVINSON, Daniel J.; SANFORD, R. Nevitt. *The authoritarian personality [1950] (1969)*. New York: The Norton Library.
- BARROS, Luciana Fernandes (2021). *Racismo e sexismo na propaganda política de influenciadores da nova direita. Relatório PIBIC/UFPA*.
- BICUDO, Lenin Bárbara (2018). *Investigações sobre a experiência humana. Uma introdução aos estudos da ignorância, acompanhado de um exame sociológico sobre a persistência da homeopatia e a consolidação do masculinismo ontem e hoje*. Tese de doutorado em Sociologia. São Paulo: FFLCH.
- BROWN, Wendy (2019). *Nas ruínas do neoliberalismo*. São Paulo: Ed. Filosófica Politeia.
- CESARINO, Letícia (2020). “Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil”. *internet & sociedade* 1 (1): 91-120.
- CESARINO, Letícia (2022). *O mundo do avesso: verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma (2016). *Intersectionality*. Cambridge, Malden: Polity Press.
- DIETZE, G.; ROTH, J (orgs.) (2020). *Right-Wing Populism and Gender: European Perspectives and Beyond*. Transcript: Gender Studies.
- FOA, Roberto Stefan and MOUNK, Yascha (2016). “The Danger of Deconsolidation”. *Journal of Democracy* 27 (3): 5-17.
- FOA, Roberto Stefan and MOUNK, Yascha (2017). “Os sinais de desconsolidação”. *Journal of Democracy em Português* 6 (1): 1-16.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana (2013). *Método de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel (2021). *Kapitalismus: ein Gespräch über kritische Theorie*. Berlin: Suhrkamp.
- FRASER, Nancy (2016). “Progressive Neoliberalism versus Reactionary Populism: A Choice that Feminists Should Refuse”. *NORA – Nordic Journal of Feminist and Gender Research* 24 (4): 281-284.
- HAN, Byung-Chul (2019). *No enxame. Perspectivas do digital*. Petrópoles: Vozes.
- HAN, Byung-Chul (2020). *Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné.
- LEVITSKY, Steven e ZIBLATT, Daniel (2018). *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.
- LÖWENTHAL, Leo; GUTERMAN, Norbert (1949). *Prophets of Deceit. Studies in Prejudice*. Harper & Brothers, American Jewish Committee.
- LÖWY, M. “Neofascismo: um fenômeno planetário –o caso Bolsonaro” (2019). *A terra é redonda*, 24 de outubro.
- MARIANI, Daniel; TAKAHASHI, Fábio (2019). *GPS Ideológico Análise do debate político no Twitter*. Folha de São Paulo. São Paulo, 6 de maio..

- MORELOCK, Jeremiah (editor). (2018). *Critical Theory and Authoritarian Populism*. London: University of Westminster Press.
- NAGLE, Angela (2017). *Kill all normies: online culture wars from 4chan to Tumblr to Trump and the alt-right*. Winchester: Zero Books.
- PRZEWORSKI, Adam (2019). *Crises da democracia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- REGATIERI, Ricardo Pagliuso & SANTOS, Patrícia da Silva (2022). *The nocturnal body of democracies*. *Civitas* 22: 1-10.
- SANTOS, Patrícia da Silva (2019). Feminismo, filosofia e teoria social: mulheres em debate. *REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS*, v. 27, p. 1-4.
- SANTOS, Patrícia da Silva (2020a). A pandemia e a propaganda potencialmente fascista. In: Miriam Pillar Grossi; Rodrigo Toniol. (Org.). *Cientistas Sociais e o Coronavírus*. 1ed. São Paulo; Florianópolis: Anpocs; Tribo da Ilha, v. 1, p. 112-115.
- SANTOS, Patrícia da Silva (2021). Radicalismo de direita: chagas da democracia incompleta. *REVISTA SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA*, v. 11, p. 697-701.
- SANTOS, Patrícia da Silva (2020b). Figuras párias em Georg Simmel: a mulher, o pobre, o estrangeiro. *Civitas (Porto Alegre)*, v. 20, p. 259-269.
- SANTOS, Patrícia da Silva (2020c). Esclarecimento e dominação masculina. *TRANS/FORM/AÇÃO (UNESP. MARÍLIA. IMPRESSO)*, v. 43, p. 313-334.
- SANTOS, Patrícia da Silva (2020d). Sexismo, ciências humanas e as potencialidades do pensamento feminista. *Humanitas (UFPA)*, v. 1, p. 135-146.
- SANTOS, Patrícia da Silva. & REGATIERI, Ricardo Pagliuso (2020). O Novo na sua Face Sombria: Um balanço das análises sobre a ascensão da extrema direita no Brasil atual. *Revista De Estudos E Pesquisas Sobre As Américas*, 14(2), 103–121.
- STREECK, Wolfgang. 2019 [2017]. “O retorno dos reprimidos como início do fim do capitalismo neoliberal”. In *A grande regressão: um debate internacional sobre os novos populismos e como enfrentá-los*, organizado por Heinrich Geiselberger, 253-274. São Paulo: Estação Liberdade.
- TRAVERSO, Enzo. 2019 [2017]. *The New Faces of Fascism: Populism and the Far Right*. London: Verso. Kindle [O primeiro capítulo desse livro foi publicado em português em: *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas* 13 (2): 12-44.
- VILAÇA, Gracila & D’ANDRÉA, Carlos (2021). Da manosphere à machosfera: práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizada. *Revista Ecofocos*, v. 24, n. 2.
- VILAÇA, Gracila (2023). Coach de assédio? A rede masculinista que abraça Thiago Schutz. *Nexo*, 04 de março. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2023/03/04/Coach-de-ass%C3%A9dio-A-rede-masculinista-que-abra%C3%A7a-Thiago-Schutz>.
- ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism. The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. New York: PublicAffairs, 2019.

